

# Uma rica experiência

*Quando Moçambique teve que criar uma comissão para a organização das primeiras eleições da sua história, chamou um ex-padre e professor de Filosofia para coordenar essa desafiadora tarefa*

tados Unidos e Inglaterra. Ao contrário: a presença de muitos partidos – como ocorre em tantos países – é um fator de instabilidade. No caso moçambicano, se os partidos políticos não-armados tivessem tido o bom senso de coligar-se em uma, duas ou três formações ao máximo, ao invés de apresentar listas próprias, teriam tido muito mais chances de ultrapassar os 5%<sup>1</sup>.

É interessante ver como se desenvolverá o sistema bipartidário, qual quer que seja a razão de ter-se apresentado um terceiro partido.

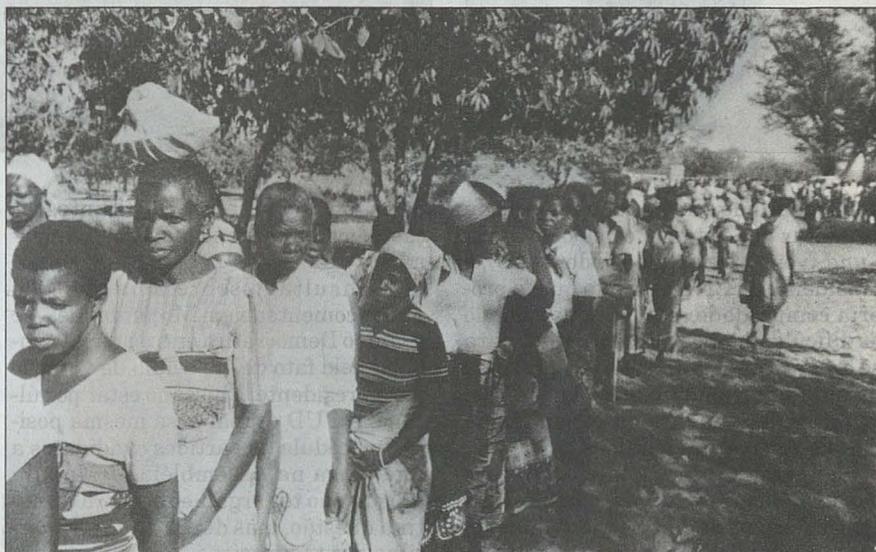
## **Qual é a sua previsão para o futuro próximo de Moçambique?**

– O futuro de Moçambique depende exclusivamente das escolhas políticas que forem feitas daqui por diante. A economia é uma consequência da política. Se o novo governo for capaz de consolidar a paz, a estabilidade política e a conciliação nacional, a economia seguirá esta tendência: Ninguém investe dinheiro em um país instável, seja a nível público ou privado, e Moçambique para poder crescer precisa de muitos investimentos privados.

Atualmente o panorama internacional lhe é desfavorável: a África não é mais prioridade. Moçambique tem uma carta muito importante para jogar, após o término da Guerra Fria e do *apartheid*, que é a continuidade do processo democrático. Serve como forte incentivo aos países desenvolvidos. Os fatores essenciais são: as escolhas políticas, a consolidação da paz, a estabilidade de política e a reconciliação nacional.

## **Quais as lições que o sr. tirou da missão das Nações Unidas?**

– Cada missão tem a sua história e deve ser modelada de acordo com as exigências reais. É importante continuar com certas metodologias: flexibilidade, capacidade de adaptação e também é necessário manter este tipo de relacionamento com a comunidade internacional. Mas uma coisa eu aprendi: um elemento que a ONU não pode introduzir por si só em um país em guerra é a vontade de paz. E nenhum processo avança se não houver esta premissa fundamental. (Pedro Sutter) ■



Eleitoras fazendo "bicha" (fila) durante as eleições, transcorridas tranqüilamente

**P**rofessor da Universidade Eduardo Mondlane (Maputo) de Filosofia da Educação, matéria em que se pós-graduou na Universidade de São Paulo (USP) e ex-padre, Brazão Mazula foi designado presidente da poderosa Comissão Nacional de Eleições (CNE), por unanimidade. Tornou-se a grande figura política do processo eleitoral, com a sua atuação reconhecida e elogiada por todos os moçambicanos, pela ONU e pela comunidade internacional.

Modesto, discreto e formal, mas ao mesmo tempo loquaz, Mazula – que é casado com uma mineira, Sheila –, recebeu o enviado especial de **cadernos do terceiro mundo** e falou sobre a sua experiência à frente da CNE.

Sem titubear, reconhece que a chave do seu sucesso foi realizar um trabalho na CNE baseado na confiança mútua entre os seus membros, inde-

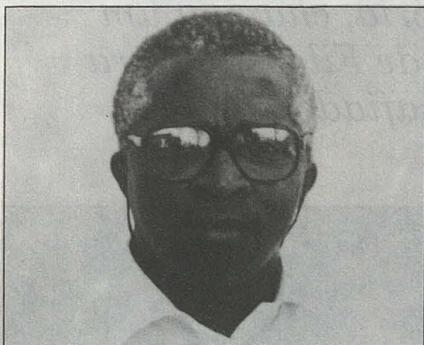
pendentemente de um ou outro pertencer a diferentes partidos. Isso permitiu tomar decisões – “mesmo as mais difíceis” – por consenso.

“Não aceitamos pressões de nenhum tipo (como, por exemplo, de fixar as eleições para o dia 24 de outubro, aniversário das Nações Unidas, além de outras, vindas dos partidos). Aceitar qualquer tipo de pressão significaria descumprir a Lei Eleitoral”, afirma.

Mazula destaca o apoio recebido do chefe da missão da ONU, Aldo Ajello, o que atribui, basicamente, à sua postura apartidária. “Obtivemos apoio moral e a comunidade internacional, ao perceber isso, passou a nos apoiar não só financeiramente. Havia partidos que não queriam a informatização do sistema; outros não queriam o voto do imigrante, que nós defendíamos, e assim por diante.”

<sup>1</sup> Mínimo requerido pela lei eleitoral para obter representação na Assembleia da República (Congresso). Apenas a União Democrática, além da Frelimo e Renamo, conseguiu este número

Dia 27/10/94, momentos antes do início da votação em Chibavava: o boicote momentâneo de Dhlakama não surtiu efeito. Abaixo, Brazão Mazula



Consultado sobre a conveniência de se adotar um sistema como o de *Trust Fund* (ver entrevista de Aldo Ajello), o presidente da CNE assinala que “a própria comunidade internacional, vendo as dificuldades dos novos partidos para se organizarem, apresentou a proposta de um financiamento através do *Trust Fund*, independente da consistência dessas agrupações políticas.”

Na sua opinião, a iniciativa teve conseqüências positivas, como a existência de mais de dois partidos nas eleições, alertando a população de que “há várias correntes políticas além da Frelimo e da Renamo”. Porém, reconhece que hoje em dia alguns desses parti-

dos estão em processo de desintegração, “devido à dependência de financiamento externo”.

Consultado sobre uma questão muito comentada em Moçambique – se a União Democrática entrou na Assembleia pelo fato de, na célula de votação para presidente, Chissano estar por último, e a UD ocupar essa mesma posição na cédula de partidos candidatos a uma vaga na Assembleia<sup>1</sup> – Mazula afirma não ter argumentos para discutir a questão, mas declara que não partilha dessa suposição.

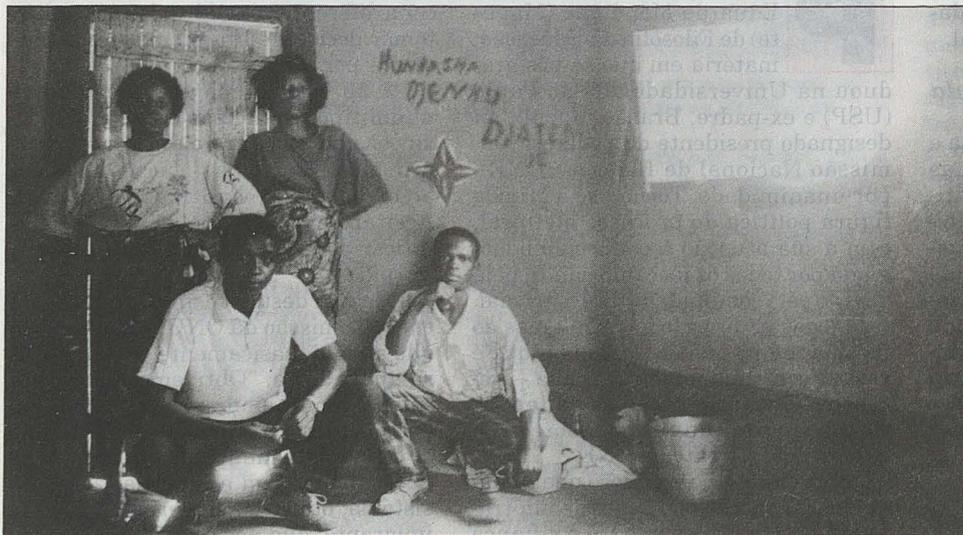
E acrescenta: “Pode ser que seja isto, mas todos os partidos fizeram campanha em cima desta ordem nos bole-

tins, e todos estavam de acordo com os sorteios.”

A Lei Eleitoral manda extinguir a CNE 150 dias após o resultado. E, segundo afirma Mazula, esse organismo não tem nada a ver com a realização das próximas eleições, que serão organizadas e realizadas pelo governo ou pela Assembleia da República. Mas reconhece que “é preciso pensar já nelas”, pois as eleições autárquicas (municipais), serão já no próximo ano. “Nossa experiência demonstrou que não é fácil dirigir um processo eleitoral.”

Mazula assinala que o processo eleitoral possibilitou, pela primeira vez, a formação de um quadro de pessoal para as eleições. “Para um país como o nosso foi sorte contar com o apoio internacional: vamos ter quase 30 mil pessoas formadas para esta tarefa. Estamos cadastrando todas estas pessoas, para posterior aproveitamento.”

Sobre o seu futuro político, Mazula afirma que recebeu um convite para lecionar de novo na UEM (Universidade Eduardo Mondlane, de Maputo) e que gostaria de dar a sua contribuição para questões de pacificação na África. Mas faz uma ressalva: “Não voltaria a dirigir as eleições; só o fiz por questões patrióticas.” (P.S.)



Brigadistas (recenseadores) em Machanga: trabalhando em péssimas condições, garantiram o êxito do processo eleitoral. Hoje, estão à procura de emprego

<sup>1</sup> A ordem dos candidatos e partidos não era igual nas cédulas correspondentes ao voto para a Presidência e para o Congresso